

POSFÁCIO

**A EXPANSÃO
DO ORGULHO
GRISALHO E DA
GERONTOLOGIA E
GERIATRIA LGBTI+
NO BRASIL**

CARLOS EDUARDO HENNING

DOI: doi.org/10.24328/2021/92908.00/20

Para a gigante Anyky Lima e para que a velhice não seja um privilégio de poucos/as.

Enquanto escrevo estas linhas – durante a mais dura pandemia deste começo de século – o Brasil se aproxima do revoltante número de 450 mil vítimas fatais da COVID-19. A vida de pessoas idosas, nesta conjuntura crítica, tem estado profundamente vulnerável. Tendo em mente a heterogeneidade nas experiências de velhices, pessoas idosas que são pobres, periféricas, negras, indígenas, LGBTI+, com deficiências, com comorbidades e moradoras de regiões sem acesso regular a serviços de saúde têm sido atingidas com particular força.

Nesse cenário de omissões e negligências inegáveis, somadas a explícitas vulnerabilidades populacionais, contamos nossos mortos, lidamos com a dor do luto e fomentamos desejos candentes de superação das múltiplas crises que vivemos. Crises essas que aprofundam as desigualdades estruturais e interseccionais de raça, classe, gênero, sexualidade e idade/geração que caracterizam a sociedade brasileira. Se pessoas idosas, em termos amplos, se encontram em situação de evidente fragilidade social, pessoas idosas LGBTI+ poderiam ser vistas como especialmente vulneráveis se considerarmos a invisibilidade histórica, a conjunção de preconceitos e a ausência de políticas públicas específicas.

Esse processo de invisibilidade e vácuo de políticas públicas em grande medida é resultado de um panorama cisnormativo e heteronormativo sobre o envelhecimento, que procura controlar a imagética da velhice limitando-a, sobretudo, a pessoas idosas cisgênero, heterossexuais, casadas, monogâmicas, brancas, de classes médias e aposentadas. Ampliando a duras penas a imagética do envelhecimento, pessoas idosas LGBTI+ são testemunhas e partícipes de dramáticas transformações histórico-culturais no Brasil, desde a ditadura militar (1964-1985) até o atual desafio da pandemia da COVID-19.

As primeiras gerações determinantes para a construção dos movimentos LGBTI+ no fim dos anos 1970, e para abrir alas para vidas mais viáveis em termos da diversidade sexual e de gênero, estão agora alcançando a velhice. Participando intensamente da vida social também nos dias atuais, essas gerações contribuem igualmente para transformar os significados contemporâneos atribuídos à velhice, exigindo uma nova maneira de concebê-la, administrá-la e vivê-la.

Embora o processo de tornar as pessoas idosas LGBTI+ uma “questão social” seja relativamente recente no Brasil, já existe há mais de cinquenta anos uma literatura significativa na América do Norte sobre envelhecimentos de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, travestis, intersexuais, *queers*, entre outros sujeitos. Esse conjunto de investigações de vários países se materializa em um campo multidisciplinar, complexo e multifacetado denominado “gerontologia LGBTI+”.

No caso brasileiro as primeiras pesquisas sobre envelhecimentos de pessoas LGBTI+ surgiram com maior peso na antropologia social analisando o envelhecimento de homens homossexuais na meia idade e na velhice e o envelhecimento de travestis e mulheres trans. A partir dessas pesquisas pioneiras vimos um florescimento vigoroso do campo e, na última década, uma expansão multidisciplinar impressionante do interesse acadêmico e científico sobre tais experiências de envelhecimentos e velhices.

As características e necessidades dessa população, assim como a luta pela ampliação da visibilidade e dos direitos de pessoas LGBTI+ na velhice, além de abordadas e problematizadas pela literatura científica e acadêmica, também vêm sendo encampadas por ativismos sociais, organizações e instituições específicas. Tais organizações e ativismos passam a associar as pautas do orgulho LGBTI+ àquelas dos movimentos de pessoas idosas e aposentadas/os. Eu nomeio essa conjunção de pautas e lutas como um orgulho grisalho, ou seja, uma forma peculiar de politização do envelhecimento no contemporâneo que:

congrega o “orgulho LGBTI” – produzido a partir dos movimentos de liberação homossexual da década de 1960 – ao “orgulho de ser velho/a” e, em ambos os casos, se percebe uma tentativa de ressignificar positivamente identidades antes vistas como estigmatizadas, atravessadas por estereótipos, preconceito e desvalorização social (HENNING, 2020a, p.118).

Essa conjunção e diálogo entre ativismos do orgulho grisalho e campos acadêmicos e científicos multidisciplinares se concretiza em organizações e instituições voltadas à administração específica das necessidades de pessoas idosas LGBTI+. No caso dos Estados Unidos, tais instituições existem desde fins da década de 1970 com a criação da SAGE – *Advocacy and Services for LGBT Elders*, a maior e mais antiga organização dedicada aos direitos e à melhoria na qualidade de vida de pessoas idosas LGBTI+. Desde então – e em particular nos últimos quinze anos – iniciativas similares começam a se proliferar, com vigor, em vários pontos do globo em metrópoles como Londres, Paris, Madri, Cidade do México e Buenos Aires.

No caso brasileiro, a fundação em 2017 da organização não governamental EternamenteSOU contribuiu fortemente para o desenvolvimento não apenas dos ativismos do orgulho grisalho, mas também para o despertar de uma gerontologia e geriatria LGBTI+ nestas bandas dos trópicos. Aliás, este material e os Simpósios de Envelhecimento LGBTI+ organizados pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia do Estado do Rio de Janeiro em 2020 e 2021 são, a meu ver, marcos significativos desse despertar.

Desde a fundação da EternamenteSOU, em 2017, sua equipe multidisciplinar de dezenas de voluntários/as tem também organizado periodicamente eventos, programas e cursos, além de fomentar pesquisas e publicações acadêmicas, contribuindo também para a produção e veiculação de matérias televisivas, em jornais e na internet, sobre idosos/as LGBTI+. Nesse sentido, as ações, pro-

gramas, eventos e dinâmicas produzidos nos últimos anos por esta ONG têm sido profundamente influentes para a visibilidade e para tornar a causa das pessoas idosas LGBTI+ um problema social progressivamente reconhecido e legitimado na esfera pública. Portanto:

a crítica ao apagamento da diversidade sexual e de gênero no envelhecimento promovido pela *EternamenteSOU* e pela gerontologia LGBTI+ em termos mais amplos, põe em cheque, até certo ponto, as concepções da velhice como um sítio meramente povoado por pessoas aposentadas, heterossexuais, brancas, cisgênero, próximas da imagem tradicional do “vovô e da vovó” desvinculados do processo de erotização da velhice de que falam Debert & Brigeiro (2012). Tal movimento em si, parece contribuir para uma ressignificação da velhice ou, pelo menos, das possibilidades de relacionar-se com o envelhecimento no contemporâneo (HENNING, 2020a, p.132).

Como abordado em vários dos capítulos deste valoroso material técnico que a SBGG-RJ, a *EternamenteSOU* e o ILC-BR disponibilizam ao público interessado, as pessoas idosas LGBTI+ têm se tornado atores sociais cada vez mais visíveis e atuantes na luta pela afirmação de suas existências, histórias, e experiências de envelhecimento peculiares. Se há pouco tempo praticamente não existiam organizações, instituições, matérias jornalísticas, programas televisivos e filmes sobre (ou voltados a) idosos/as LGBTI+, temos acompanhado recentemente uma espécie de explosão discursiva sobre o tema.

Novelas, séries televisivas, filmes, livros no Brasil e no exterior agora têm progressivamente retratado envelhecimentos plurais também em termos de identidades de gênero e sexuais. Embora nem sempre com representações adequadas, essas obras têm contribuído, em termos gerais, para apresentar e difundir o conheci-

mento sobre alguns dos desafios da velhice associados às dissidências sexuais e de gênero. Sobretudo a dolorosa lida cotidiana com o preconceito e as violências homofóbicas no processo de envelhecimento.

Tendo essas questões em mente, o presente material organizado pela SBGG-RJ em parceria com a ONG EternamenteSOU e o ILC-BR se configura como uma contribuição louvável e valiosíssima para a consulta de interessados/as e profissionais de múltiplos campos que lidem diretamente com o envelhecimento e com pessoas idosas. Ao longo de seus dezenove capítulos somos tocados/as pelas temáticas variadas, complexas e cruciais para a sensibilização cultural e o entendimento das realidades, desafios e desigualdades que atravessam as experiências de envelhecimento de pessoas LGBTI+.

Apresentando e problematizando questões centrais relacionadas às pessoas idosas LGBTI+, esta obra aborda com competência e sensibilidade didática aspectos teórico-conceituais e práticos basilares (Capítulos 1 e 2); questões relacionadas aos direitos sociais da população (Capítulo 3); a relevância das garantias de participação social e representatividade (Capítulo 4); a problemática do etarismo frente à diversidade sexual e de gênero (Capítulo 5); a crucialidade da inclusão digital para a sociabilidade de pessoas idosas LGBTI+ (Capítulo 6); o debate sobre autonomia e independência (Capítulo 7), as formas de acesso à saúde (Capítulo 8), e os desafios para as mudanças de estilo de vida (Capítulo 9); a problematização da saúde mental e sofrimento psíquico na velhice (Capítulo 10), do cuidado às pessoas LGBTI+ com dependência (Capítulo 11), das múltiplas facetas da violência (Capítulo 12), e os debates interseccionais sobre questões de raça entre pessoas idosas LGBTI+ que são negras (Capítulo 14).

Por sua vez, dos capítulos 15 ao 19, pudemos acompanhar debates igualmente complexos e instrutivos sobre: o direito à cidade e as tramas do envolvimento ocupacional (Capítulo 14); a popula-

ção idosa LGBTI+ em situação de rua e em privação de liberdade (Capítulo 15); os dilemas da moradia e instituições de longa permanência (Capítulo 16); a sexualidade e identidade de gênero de pessoas idosas (Capítulo 17); discussões sobre formas de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (Capítulo 18); e, por fim, reflexões densas e instigantes sobre sorofobia e estigma na velhice (Capítulo 19).

Portanto, esta obra e o conjunto de capítulos que aqui pudemos ler e acompanhar, escritos por um conjunto multidisciplinar e multiprofissional de pessoas, envolvendo ativistas sociais, acadêmicos/as e pesquisadores/as de variadas instituições, gerações, procedências regionais, classes sociais, identidades étnico-raciais e de gênero e sexualidade, é um marco histórico em prol da disseminação de conhecimentos valiosos sobre o tema em questão. Conhecimentos estes relacionados às pessoas idosas LGBTI+ tendo o potencial de contribuir para educar inúmeros/as profissionais, ativistas e interessados/as na temática, além de auxiliar na expansão das garantias de direitos dessas pessoas no presente e no futuro.

Quero crer também que os atores sociais afetados e influenciados por esta obra, ademais, terão o potencial de contribuir para a viabilização dessas e de outras vidas idosas dissidentes de certas normas e expectativas de gênero, sexualidade, classe e raça. Após ler esta obra, vocês leitores/as terão a responsabilidade de contribuir – à sua maneira e a partir de suas práticas profissionais, ativistas e cotidianas – no apoio para que pessoas idosas LGBTI+ possam sempre viver suas vidas com dignidade, com direitos garantidos, políticas públicas desenvolvidas, e vivenciando relações – em quaisquer instâncias – respeitosas, prazerosas e laicas. Enfim, vivenciando o mais plenamente possível as múltiplas formas e potencialidades dos envelhecimentos e velhices no contemporâneo.

Tendo isso em mente, esta obra é também um passo significativo em direção à consolidação e expansão dos ativismos do orgulho grisalho e de organizações que atuam em defesa dos direitos

de pessoas idosas LGBTI+ em nosso país. Pensando no avanço das articulações transnacionais em defesa dos direitos das pessoas idosas LGBTI+, este material certamente contribui também para o avanço do processo de institucionalização dos campos da gerontologia e geriatria LGBTI+ em nosso país e na América do Sul como um todo.

Considerando a riqueza temática, teórica e prática dos capítulos podemos destacar o potencial de orientar, influenciar e lançar luz sobre modos mais humanizados, respeitosos, dignificantes, laicos, não-moralistas e antidiscriminatórios de relacionamento com (e na administração das demandas de) pessoas idosas LGBTI+. Sublinho também, por fim, o vigor desta obra para a formação e sensibilização cultural de instituições, organizações, profissionais e grupos ativistas, assim como em termos de avanços concretos em direitos sociais, na expansão da visibilidade e para a criação de políticas públicas específicas. Em outras palavras: vida longa, crítica, progressista e frutífera aos orgulhos grisalhos e à nascente geriatria e gerontologia LGBTI+ brasileira!

REFERÊNCIAS

- BRIGEIRO, M. Envelhecimento bem-sucedido e sexualidade: relativizando uma problemática. *In*: BARBOSA, R. *et al.* (Org.). **Interfaces: gênero, sexualidade e saúde reprodutiva**. Campinas: Ed. Unicamp, 2002.
- DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP: FAPESP, 2012.
- DEBERT, G.; SIMÕES, J. A.; HENNING, C. E. Entrelaçando Gênero, Sexualidade e Curso da Vida: apresentação e contextualização. **Sociedade & Cultura**, v. 19, n. 2, p. 3-12, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/48680/23960>. Acesso em: 19 maio 2021.

- DEBERT, G. G.; HENNING, C. E. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. **MAIS 60 – Estudos sobre Envelhecimento**, v. 26, n. 63, p. 8–31, dez. 2015. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/6504a33a-dd-c8-4efd-92e1-c1914a62f088.pdf>. Acesso em: 12 maio 2021.
- DEBERT, G.; BRIGEIRO, M. Fronteiras de Gênero e a Sexualidade na Velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 37–54, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000300003>. Acesso em: 19 de maio de 2021.
- HENNING, C. E. Ser padre, gay y viejo: masculinidades, paternidades y envejecimientos en reconfiguraciones contemporâneas. **Revista Con la A**, n. 74, 2021. Disponível em: https://conlaa.com/ser-padre-gay-y-viejo-masculinidades-paternidades-y-envejecimientos-en-reconfiguraciones-contemporaneas/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=ser-padre-gay-y-viejo-masculinidades-paternidades-y-envejecimientos-en-reconfiguraciones-contemporaneas. Acesso em: 16 maio 2021.
- HENNING, C. E. O Nascimento do Orgulho Grisalho. Idosos LGBT e as batalhas por viabilidades existenciais. In: FACCHINI, R.; FRANÇA, I. (org.). **Direitos em Disputa: LGBTI+, Poder e Diferença no Brasil Contemporâneo**. Campinas: Ed. Unicamp, 2020^a, p.72–86.
- HENNING, C. E. O Luxo do Futuro. Idosos LGBT, teleologias heteronormativas e futuros viáveis. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 35, p. 133–158, 2020b. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2020.35.07.a>. Acesso em: 12 de maio de 2021.
- HENNING, C. E. Nem no mesmo barco nem nos mesmos mares: gerontocídios, práticas necropolíticas de governo e discursos sobre velhices na pandemia da COVID-19. **Cadernos de Campo**, v. 29, n. 1. p. 150–155, 2020c. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernos-decampo/article/view/170798/161271>. Acesso em: 12 maio 2021.
- HENNING, C. E. Las vejeces de personas LGBTIQ: reflexionando sobre escenarios futuros frente a las ciudades y sociedades que envejecen. SCHENCK, M. **Futuro: Miradas latinoamericanas, Mirada**

- estratégica**. Montevideo Igualitario. 2020d. p.: 40–49. Disponível em: <https://montevideo.gub.uy/sites/default/files/biblioteca/7futura-serieciudades.pdf>. Acesso em: 16 maio 2021.
- HENNING, C. E. Ancianos LGBT en Brasil. Los viejos de guerra y sus narrativas sobre batallas, resistencia y vulnerabilidad en tiempos ultraconservadores. **Plural – Antropologías desde América Latina y el Caribe**, v. 3, n.6, p. 233–255, 2020e. Disponível em: <https://asociacionlatinoamericanadeantropologia.net/revistas/index.php/plural/article/view/157/116>. Acesso em: 16 maio 2021.
- HENNING, C. E. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos ‘idosos LGBT’. **Horizontes Antropológicos**, n. 47, p. 283–323, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832017000100010>. Acesso em: 12 maio 2021.
- HENNING, C. E. Is old age always already heterosexual and cisgender? The LGBT Gerontology and the formation of the “LGBT elders”. **Vibrant**, v.13 n.1, p. 132–154, 2016a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-43412016v13n1p132>. Acesso em: 12 maio 2021.
- HENNING, C. E. ‘Na minha época não tinha escapatória’: teleologias, temporalidades e heteronormatividade. **Cadernos Pagu**, n. 46, p. 341–371, 2016b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201600460341>. Acesso em: 12 maio 2021.
- HENNING, C. E. Interseccionalidade e Pensamento Feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações**, v. 20. n. 2, p. 97–128, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2015v20n2p97>. Acesso em: 12 maio 2021.
- HENNING, C. E. **Paizões, Tiozões, Tias e Cacuras**: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo. 2014. 422 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas Unicamp, Campinas, 2014. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281147/1/Henning_CarlosEduardo_D.pdf. Acesso em: 12 maio 2021.

- HENNING, C. E. As Diferenças na Diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92044>. Acesso em: 12 maio 2021.
- DIAS, L. O.; SOUZA, C. S.; HENNING, C. E. Orí e Cabaça são Femininas: mulheres-raízes e suas insurgências na intelectualidade brasileira. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 25, p. 88-105, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/4903>. Acesso em: 16 maio 2021.
- SIMÕES, J. A. “A maior categoria do país”: o aposentado como ator político. In: BARROS, M. M. L. de (org.). **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- SIQUEIRA, M. **Horrores! Uma etnografia das memórias, formas de sociabilidade e itinerários urbanos de travestis das antigas**. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social) –PPGAS Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93027>. Acesso em: 17 maio 2021.
- SIQUEIRA, M. **Sou senhora**: um estudo antropológico sobre travestis na velhice. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina., Florianópolis, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/87032>. Acesso em: 17 maio 2021.